



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Trabalho e expressões da questão social

A QUESTÃO SOCIAL NO BRASIL: ALGUMAS REFLEXÕES

ANA PATRICIA QUEIROZ NOBRE¹

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo discutir o surgimento da questão social no Brasil e a exploração da classe trabalhadora até os dias atuais. Partiremos de reflexões sobre a origem do sistema de produção capitalista e suas implicações para essa classe, a partir de Marx (2023), em que discorre sobre a chamada acumulação primitiva e o surgimento do sistema capitalista de produção. Discutiremos o surgimento e os conceitos da questão social, consequência, portanto do sistema econômico capitalista, trazidos por autores contemporâneos, para que possamos enriquecer nosso debate. Para desenvolver esse trabalho, utilizamos como metodologia uma pesquisa qualitativa bibliográfica nos referenciando nos principais autores em discussão sobre o tema.

Palavras-chave: Capitalismo, Trabalho, Questão Social.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo discutir el surgimiento de la cuestión social en Brasil y la explotación de la clase trabajadora hasta el día de hoy. Comenzaremos con reflexiones sobre el origen del sistema de producción capitalista y sus implicaciones para esta clase, basadas en Marx (2023), en las que analiza la llamada acumulación primitiva y el surgimiento del sistema de producción capitalista. Discutiremos el surgimiento y los conceptos de la cuestión social, por tanto consecuencia del sistema económico capitalista, aportados por autores contemporáneos, para enriquecer nuestro debate. Para desarrollar este trabajo utilizamos como metodología la investigación bibliográfica cualitativa, referenciando a los principales autores en discusión sobre el tema.

Palabras clave: Capitalismo, Trabajo, Cuestiones Sociales.

¹ Universidade Estadual do Ceará

Introdução

A passagem da economia no sistema feudal para o modo de produção capitalista, que tem como sustentação a exploração da mão-de-obra livre, gerou também uma busca maior pela acumulação de riquezas. Um círculo vicioso que explica, hoje, toda uma sociedade ligada e dependente totalmente desse sistema econômico de exploração.

O trabalhador livre, ao sair dos antigos feudos, apesar de desvinculado da servidão feudal, encontrou-se diante da necessidade de venda da sua mão-de-obra para se alimentar e sobreviver. Partindo da premissa de que a acumulação de riquezas, no sistema econômico capitalista, não gera acessibilidade de trabalho para todos, observamos surgir, a partir da falta de acesso ao trabalho assalariado, desse trabalhador agora livre, a pobreza, a falta de habitação, a fome, dentre outras questões que vão alimentar esse novo sistema econômico.

Temos uma parcela da classe trabalhadora que, não consegue subsistir, não tem nenhuma propriedade sobre os bens de produção e forma um contingente de mão-de-obra não aproveitada que vai alimentar o sistema e subjugar aqueles que, de alguma forma estão empregados, é o chamado exército industrial de reserva. Partindo desse contingente de trabalhadores vamos discutir o surgimento da questão social, alguns conceitos e expressões desta nos dias atuais.

A classe trabalhadora e o sistema capitalista

Assim explicita Marx (2023, p. 787), que “o ponto de partida do desenvolvimento que deu origem tanto ao trabalhador assalariado como ao capitalista foi a subjugação do trabalhador”. O processo de extinção do sistema feudal de produção extinguiu a servidão como era posta nas propriedades feudais, porém, reconfigurou-a à uma nova forma de exploração do trabalhador agora “livre”.

Ainda no Continente Europeu, ao saírem dos feudos, nos quais eram servos e nele estavam vinculados como propriedade, os trabalhadores, chegaram às cidades, e “livres”, se defrontaram com outras imposições, agora sob a forma de servidão pelo trabalho assalariado. Essa servidão a partir da venda da própria mão-de-obra e dela necessitando para sobreviver,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

gerou um acúmulo de prestadores de serviços aptos e prontos a trabalharem a qualquer custo e preço.

Os trabalhadores que ainda permaneceram no campo, assim o fizeram sem a garantia de sua sobrevivência, deparando-se com a imposição dos arrendamentos de terras, revogáveis à mercê dos proprietários, também serviram à acumulação de riquezas gerando o lucro pelo arrendamento da terra. O trabalhador, agora “livre”, nada mais é que um servo assalariado e agora entregue à sua própria sorte. Se antes sua subsistência era garantida pelo senhor feudal em troca de sua servidão como era posta nesse sistema econômico, agora o trabalhador é ele mesmo senhor de sua sobrevivência, embora sua servidão não tenha sido extinta. Pois, “o que o sistema capitalista requeria era, ao contrário, uma posição servil das massas populares, a transformação desta em trabalhadores mercenários e a de seus meios de trabalho em capital” (Marx, 2023, p. 792).

Com a invasão das terras do continente americano pelos europeus e a posse dessas terras sendo forjada para os invasores, o modo de produção escravista chegou ao Brasil, trazendo consigo a base da nova sociedade que iria, por aqui, se constituir. Uma sociedade escravocrata, latifundiária, que se utilizava totalmente da exploração da mão-de-obra escrava e lucrava muito com essa tecnologia de exploração.

Em 1826, quando a Inglaterra proíbe o tráfico negreiro no Brasil e a escravização ainda permanece por mais de 60 anos no Brasil, sendo oficialmente extinta somente em 1888 com a assinatura da Lei Áurea², a classe dominante brasileira, já vem buscando caminhos para que seus lucros não sejam diminuídos. A mão-de-obra escrava não gerava capital, mas gerava a renda da terra e assim também entrava no circuito do capital através de lucros e juros. A manutenção interna de um mercado escravocrata permanecia e, somente quando ficou insustentável e pouco lucrativo manter esse tipo de mão-de-obra, por todas as suas limitações internas e externas, como as rebeliões de escravos e a proibição, pela Inglaterra, do tráfico negreiro no Brasil, é que teremos a abolição da escravatura em forma de lei, porém ainda não real. O negro, agora “liberto”, deverá também ele buscar um trabalho remunerado para garantir sua subsistência.

² Não vamos discutir aqui sobre a realidade da abolição da escravatura, por motivos de que esse trabalho não dará conta da profundidade de tal discussão. Retomaremos como referência esse momento apenas como forma de tentar discutir o surgimento da questão social no Brasil.

Porém, com a abolição da escravatura, os donos da economia local, portanto, não absorveram a mão-de-obra antes escrava e agora livre. Em parceria com a Europa, onde também existia um exército industrial de trabalhadores, iniciaram a contratação de imigrantes para suprir a demanda interna brasileira, por vários motivos, inclusive um projeto de embranquecimento da população que não vamos dar conta de discutir neste trabalho, em detrimento da contratação da classe trabalhadora negra disponível no Brasil. Surge então um contingente de mão-de-obra cada vez maior e incapaz de ser absorvido pelo mercado interno.

E é esse trabalhador, desprovido de vontade própria sobre sua liberdade, sem meios de sobreviver, a não ser pela venda de sua mão-de-obra, que formará a base do sistema de exploração capitalista, e dará origem à chamada questão social e seus reflexos presentes nos dias atuais.

O debate da questão social no Brasil

Muitas são as reflexões, estudos e contribuições de diversos intelectuais acerca do surgimento da questão social brasileira. Diferentemente de outros países já em fase de industrialização, no século XVIII, a sociedade brasileira se constituía de forma que a produção agrícola latifundiária e a exploração das minas eram suas atividades econômicas de exploração, assim como a manutenção da mão-de-obra escrava era a base dessa economia. A questão social no Brasil, portanto, terá suas particularidades.

Cerqueira Filho (1982), inicia sua discussão conceituando a questão social de forma geral para, posteriormente, trazer a forma de como ela foi tratada aqui no Brasil, especialmente no Governo Vargas, fazendo uma análise dos discursos proferidos por Vargas e seus ministros aos trabalhadores.

Por “questão social”, no sentido universal do termo, queremos significar o conjunto de problemas políticos, sociais e econômicos que o surgimento da classe operária impôs no mundo no curso da constituição da sociedade capitalista. Assim, a “questão social” está fundamentalmente vinculada ao conflito entre o capital e o trabalho. (CERQUEIRA FILHO, 1982, p.21)

A questão social, portanto, vai se fazendo presente na sociedade brasileira e diferentes são as formas com que ela será tratada:

Essa tensão, constante durante toda a Primeira República, entre o existente como problema mas não como questão, acaba por dar lugar a contradições, ao nível do pensamento dominante, quando trata a “questão social” como *caso de polícia*, que nada mais são que um retorno daquilo que se quer reprimido, recalcado: os conflitos entre o capital e o trabalho. (CERQUEIRA FILHO, 1982, p.72, grifos do autor)

Inicialmente essa questão social que não será tratada como legítima, tomada inicialmente como um problema a ser resolvido rapidamente e com o uso da força repressiva do Estado. Foi tratada algumas vezes como “caso de política”, trazendo a ideologia de um discurso dominante, criando as leis trabalhistas no governo de Getúlio Vargas, sufocando a mobilização popular por intermédio dessas leis e de uma suposta integração social, através de um discurso paternalista governamental:

[...] o Ministério do Trabalho se transformará no Aparelho de Estado com efeitos ideológicos por excelência para conduzir a “questão social” no interior de um discurso integrador e paternalista; ocultando a luta de classes e combinando o autoritarismo com o mecanismo do favor. (CERQUEIRA FILHO, 1982, p. 77)

Por fim, analisando o discurso presente na política de Vargas, Cerqueira Filho (1982) mostra como a questão social perpassa esse discurso e o quanto ele é ocultado de forma a convencer sobre sua naturalização e até inexistência:

O conflito social não permitido, inexistente para a sociologia dominante; impedido de ser explicitamente formulado, negado na sua existência, será atribuído ao “daltonismo lamentável com que os ferrenhos destruidores da ordem social pretendem levar por diante a odiosa hostilidade e a dramática incompreensão entre as massas trabalhadoras e o elemento patronal”. (CERQUEIRA FILHO, 1982, p.200)

Partindo a outras contribuições e, trazendo densidade ao debate, Netto (2001, p.41) reconhece que o conceito de “questão social” é bem mais complexo, e afirma, que “Na agenda contemporânea do Serviço Social, a ‘questão social’ é ponto saliente, incontornável e praticamente consensual. (...) em torno dela existem compreensões diferenciadas e atribuições de sentido muito diversas”.

Partindo de um outro ponto, Netto (2011) traz a questão social no Brasil sob a ótica do capitalismo monopolista. De um lado o “traço público” que conduz à regulação de mecanismos econômico sociais, do outro o “traço privado” que conduz ao disciplinamento psicossocial, convertendo os problemas sociais em patologias sociais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

A questão social é colocada entre o capital e o trabalho e é objeto de intervenção revolucionária da massa trabalhadora, fazendo assim, um redimensionamento da questão social na ordem monopólica do capital.

Netto (2001) afirma que o caráter público do enfrentamento das refrações da “questão social” incorpora, portanto, o substrato individualista da tradição liberal, ressitua-o como elemento subsidiário no trato das sequelas da vida social burguesa. Envolve as perspectivas pública e privada no enfrentamento dessas sequelas, e isso inclui também a psicologização das relações sociais, a responsabilização do indivíduo por sua condição de vida, naturalizando uma sociedade de classes, tomando como suporte, inclusive a educação e espiritualidade como mecanismos de argumentação e convencimento.

E Netto (2001) continua explicando que foi a partir da instauração da ordem burguesa que o pauperismo se designou como questão social. Com a urgente manutenção dessa classe dominante, a questão social passa a ser crescentemente naturalizada e suas manifestações são vistas como desdobramentos da sociedade moderna. O cuidado com suas manifestações é expressamente desvinculado de qualquer tendência a problematizar a ordem econômica vigente, combater as manifestações sem tocar nos fundamentos dessa sociedade.

Com a clareza de que a resolução efetiva desse conjunto problemático seria a causa da ruína total da ordem burguesa, o pensamento revolucionário, então, passou a identificar uma defesa conservadora às suas partes do conflito. Ainda segundo Netto (2011), as complexidades da questão social, para entendimento, só vieram com a publicação da obra “O Capital”, aqui no Brasil de Karl Marx. Pois a referida obra trouxe a compreensão de que a superação da questão social, em condições que se suprima a escassez, levaria a superação da exploração da sociedade de classes.

Contribuindo para esse discurso, Iamamoto (2001), traz em suas reflexões que além das disparidades econômicas, há também as questões políticas e culturais das classes sociais mediatizadas pela relação de gênero, características étnico-raciais e formações regionais. Para esta autora, a questão social diz respeito ao conjunto das expressões das desigualdades sociais engendradas na sociedade capitalista madura, impensáveis sem a intermediação do Estado. Mas, sobretudo, a questão social está ligada intrinsecamente ao trabalho pois, segundo ela:



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

“[...] a análise da questão social é indissociável das configurações assumidas pelo trabalho e encontra-se necessariamente situada em uma arena de disputas entre projetos societários, informados por distintos interesses de classe, acerca de concepções e propostas para a condução das políticas econômicas e sociais.” (IAMAMOTO, 2001, p. 10. grifos da autora).

Yazbek (2001), corroborando com os autores já citados, parte da relação entre questão social e trabalho e traz para o centro do debate a riqueza acumulada por uma parte seleta da sociedade, assim afirmando:

“[...] Estou colocando em questão, portanto, a luta pela apropriação da riqueza social. [...] Questão que, na contraditória conjuntura atual, com seus impactos devastadores sobre o trabalho, assume novas configurações e expressões entre as quais destacamos: 1- as transformações das relações de trabalho; 2- a perda dos padrões de proteção social dos trabalhadores e dos setores mais vulnerabilizados da sociedade que veem seus apoios, suas conquistas e direitos ameaçados.” (YASBEK, 2001, p. 33-34)

Afirma estar em construção uma forma despolitizada da abordagem da questão social, da pobreza e da exclusão social tirando essa realidade do contexto econômico capitalista e pondo no indivíduo a solução de sua pobreza. E sobre isso reitera citando Telles (1998):

“É bom lembrar ainda que, a pobreza é uma face do descarte da mão de obra barata, que faz parte da expansão capitalista. Expansão que cria uma população sobrando, gente que se tornou não empregável, parcelas crescentes de trabalhadores que não encontram um lugar reconhecido na sociedade, que transitam à margem do trabalho e das formas de troca socialmente reconhecidas.” (TELLES, 1998 *apud* YAZBEK, 2001, p. 35)

Corroborando com Yazbek, Mota (2010, p.32), relata ser o modo capitalista o fenômeno responsável pela pobreza como questão social afirmando que “Este aspecto implica num ‘deslocamento’ do significado da questão social, *que se afasta da relação entre pauperização e acumulação capitalista, para ser identificada com as expressões objetivas da pobreza*”.

Ainda abordando a pobreza, mas por uma análise do desemprego, Santos (2012) afirma que a flexibilidade e a precariedade das ocupações no mercado de trabalho brasileiro são marcas históricas da questão social no Brasil. Sua gênese é explicada pelo processo de acumulação ou reprodução ampliada do capital e é a expressão das relações de exploração de trabalho pelo capital. Segundo a autora, o desemprego seria a expressão mais transversal à totalidade das expressões agrupadas sob o conceito de questão social, afirmando que “a centralidade do trabalho como elemento fundante da sociabilidade, o desemprego me pareceu a expressão da questão social que mais fecundamente poderia elucidar suas particularidades” (SANTOS, 2012, pág. 130).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Questionando o termo “questão social”, Pereira (2001), afirma não ter clareza sobre a existência real de uma questão social, pois ainda estaríamos diante de uma questão social latente, que ainda não se manifestou concretamente, no sentido de que os riscos e as necessidades contemporâneos ainda não foram problematizados, ou seja, num contexto de fraca articulação. E defende que os problemas apresentados não se transformaram em questões explícitas, que ainda não foram alvo da correlação de forças estratégicas.

Para Pereira (2001), a questão social não é sinônimo de contradição entre capital e trabalho, mas, de embate político. O termo questão social é usado de forma genérica a ponto de confundi-la com questões sociológicas. A questão social é particular e histórica, não existiu antes da Revolução Industrial e consistiu num estágio mais avançado, conflituoso e consciente do movimento de reação das classes subalternas à dominação social capitalista, o que mais claramente exige definições políticas dos atores em presença.

[...] pergunta-se: de que *questão* estamos hoje falando, se os riscos e necessidades contemporâneas ainda carecem de efetiva problematização? Será que não estaríamos diante de uma *questão latente* que, apesar de inscrita na *contradição fundamental* do sistema capitalista - a *contradição entre capital e trabalho* -, ainda não foi explicitada, dada a posição profundamente desigual dos setores progressistas na atual correlação de forças? Tudo indica que sim”. (PEREIRA, 2001, p.51)

Outra contribuição que não podemos deixar de ser destacada aqui é de Gonçalves (2012), sobre a questão racial como cerne da questão social no Brasil, ao abordar a abolição da escravatura como um acontecimento oficial de libertação dos escravizados. Embora, porém não tão real assim, permeando ainda nossos dias, é fato que não dá pra falar de questão social hoje sem falar das questões raciais que envolvem esses trabalhadores, consideradas como determinantes:

As correntes formais deixaram de existir, mas o salto para que os(as) trabalhadores(as) negros(as) fossem reconhecidos(as) como parte constitutiva da insipiente nação brasileira tornou-se um longo e intolerável cortejo. (GONÇALVES, 2012, pág. 515)

A partir dessa reflexão, identificamos que a luta da classe trabalhadora brasileira inclui, sobretudo, a luta racial. A busca pelo reconhecimento do negro como trabalhador, negros estes que foram protagonistas de revoltas, que pressionaram as classes dominantes e desataram suas amarras através de muitas lutas, mas também passaram por um processo de depreciação na sociedade. Pois, “o discurso dominante proclamava que estes(as) ex-cativos(as) não eram qualificados(as) o suficiente para ajudarem a erguer os pilares da futura grandiosa nação

capitalista. Aqui se consolidavam as ideias racistas que ganharam status de *verdadeira ciência* do século XIX”. (GONÇALVES, 2012, pág. 516)

Como parte desse pacote de atrocidades, e não menos importante, trazemos a implementação do sistema migratório importando, supostamente, uma mão-de-obra que melhor se adequaria ao novo sistema de produção, além de contribuir para o embranquecimento da população, como queriam os adeptos deste projeto.

“Estampada na rejeição de fazer uso da mão-de-obra de trabalhadores(as) negros(as), cristalizava-se a ideologia do branqueamento da sociedade brasileira. (...) E não faltaram ingredientes naturalizantes para ao *problema negro* como fator explicativo de inferioridade do povo brasileiro. (...) a coerência com os procedimentos científicos pouco importava. Era preciso garantir um resultado capaz de tornar o Brasil uma nação branca”. (GONÇALVES, 2012, pág. 516)

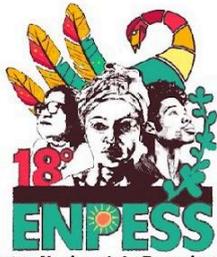
Essas são algumas das principais discussões na contemporaneidade sobre a questão social. Trouxemos esse leque de contribuições para que o debate fosse enriquecido e diversificado. Inúmeras são as contribuições que podem ser somadas a esta discussão, pois a ação parte primeiramente do conhecimento e reflexão.

Considerações finais

Muitas são as contribuições, todas de extrema importância, para o debate da questão social no Brasil, seja ela latente ou real. O fato é que essa questão social precisa ser tratada com toda atenção possível para que não seja naturalizada, individualizada e despolitizada, deixando o Estado livre de sua responsabilidade.

A relação trabalho e questão social nos faz perceber como o modo de produção capitalista perpassa por diferentes setores da vida social e como ele interfere diretamente nas formas dessa sociabilidade.

É fundamental a percepção de que a questão social se origina da relação capital e trabalho, como citado anteriormente, e que a questão racial está totalmente imbricada, não sendo possível, jamais, tratá-la separadamente dessas implicações.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Mesmo com toda complexidade e algumas divergências em seu conceito, é preciso encarar de frente as expressões da questão social presentes nos dias atuais, ter total consciência de sua abrangência e encarar as lutas de forma efetiva.

É comum e até mais fácil culpabilizar o indivíduo por sua situação social, o Estado e a sociedade civil estão cheios de um discurso pronto, onde a responsabilização individual e a isenção de intervenção Estatal são falas frequentes. Mas não podemos nos deixar levar por esse discurso vazio, porém cheio de intenções fortes. É preciso ir além do que está posto, diariamente, incansavelmente, pois o sistema não descansa e o nosso trabalho precisa ser constante.

Terminamos aqui com uma frase da Professora Marilda Iamamoto em sua fala na abertura no “I Seminário Internacional: Formação, Pós-Graduação e Internacionalização em Serviço Social: a Amazônia e os desafios contemporâneos”: *Assistente Sociais de todo o mundo: uni-vos!*

Bibliografia

CERQUEIRA FILHO, **A questão social no Brasil**: crítica do discurso político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

GONÇALVES, Renata. Quando a *questão racial* é o nó da *questão social*. In: **R. Katal**. Florianópolis. vol. 21, n. 3, p. 314-352. set/dez, 2018.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. A questão social no capitalismo. In: **Revista Temporalis**, Ano 2, n. 3, Brasília: ABEPSS, 2001.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **I Seminário Internacional: Formação, Pós-Graduação e Internacionalização em Serviço Social: a Amazônia e os desafios contemporâneos**. YouTube, 04 jul. 2024. Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=e-C_yOuQjUI&list=PLM0iQmvo2kZ8wNWylIWWQW3hOxNvA5K9Gx&index=5>. Acesso em: 08 ago. 2024.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da economia política. Livro I. 3.ed. São Paulo: Boitempo, 2023.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

MOTA, Ana Elizabete. “Questão Social” e Serviço Social: um debate necessário. In: MOTA, Ana Elizabete (org.). **O mito da assistência social: ensaios sobre Estado, Política e Sociedade**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NETTO, José Paulo. Cinco Notas a propósito da “Questão Social”. In: **Revista Temporalis**, Ano 2, n. 3, Brasília: ABEPSS, 2001.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

POTYARA, A. P. Pereira. Questão Social, serviço social e direitos de cidadania. In: **Revista Temporalis**, Ano 2, n. 3, Brasília: ABEPSS, 2001.

SANTOS, Josiane Soares. Particularidades da “Questão Social” no Brasil: Elementos para o debate. In: **Temas & Matizes**, Vol. 9, n. 17, 2010, pp. 125-150.

SANTOS, Josiane Soares. **Questão Social: particularidades no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2012.

YAZBEK, Maria Carmelita. Pobreza e exclusão social: expressões da questão social no Brasil. In: **Revista Temporalis**, Ano 2, n. 3, Brasília: ABEPSS, 2001.



Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social